

## APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE AS QUINZE PRIMEIRAS EDIÇÕES DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FRONTEIRA

CAMARGO, J. E. C.<sup>1</sup>, GARCIA, M. F.<sup>2</sup>, RODRIGUES, N. C.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Pelotas – RS – Brasil – jose.edu.06@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Pelotas – RS – Brasil –marizelegarcia@gmail.com

<sup>3</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil – nataliarodrigues@ifsul.edu.br

### RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa sobre o Festival Internacional de Cinema da Fronteira (FICF), realizada com o apoio da Lei Paulo Gustavo, por meio da Prefeitura Municipal de Bagé e da Secretaria Municipal de Cultura. O objetivo é consolidar uma memória viva do festival, resgatando informações sobre suas edições passadas, como programação, filmes, homenagens e atrações especiais. A metodologia utilizada é o método dialético, combinando pesquisa bibliográfica e documental. A análise se concentra nas quinze primeiras edições do FICF, que evoluiu de uma mostra de curtas-metragens criada em 2009 para um festival internacional, promovendo intercâmbio cultural e educação. Os resultados demonstram as transformações do FICF ao longo dos anos, incluindo homenagens a personalidades do cinema e a introdução de mostras competitivas. Este desenvolvimento evidencia a importância do festival como patrimônio imaterial da comunidade bajeense e como uma atividade que movimenta a economia local. As conclusões ressaltam que a pesquisa e salvaguarda do FICF são essenciais para preservar a memória cultural local e fortalecer a identidade regional, permitindo que novas gerações reconheçam suas origens e o impacto do festival na cinematografia. Assim, o registro da história do FICF se torna um importante instrumento de valorização e resistência cultural.

Palavras-chave: Festival Internacional de Cinema da Fronteira – FICF, Patrimônio Cultural, História do Cinema.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da Pesquisa e salvaguarda do Festival Internacional de Cinema da Fronteira - FICF, projeto de pesquisa e salvaguarda que foi realizado com fomento da Lei Paulo Gustavo – Lei Complementar 195/2022, através da Prefeitura Municipal de Bagé e da Secretaria Municipal de Cultura. Que possuía como objetivo, a partir da busca em acervos pessoais dos organizadores do festival, pesquisas em arquivo público, jornais e internet, consolidar uma memória viva do FICF, através do resgate de informações sobre as edições passadas como: programação, filmes selecionados e premiados, figuras homenageadas, júri e atrações especiais. O FICF é uma manifestação da cultura da fronteira, patrimônio

imaterial da comunidade bajeense. Mais que um evento, consiste em um espaço de formação, de trocas e partilhas. O festival se manifesta como um encontro em torno de ideias e de uma experiência coletiva de fruição cultural. O FICF não apenas enriquece o cenário cultural de Bagé, mas também impulsiona a economia local, atraindo turistas, promovendo negócios e valorizando os talentos regionais da indústria cinematográfica. Registrar sua história é inscrevê-lo no tempo, seu legado e suas contribuições para e com a sociedade, são motivos que justificam a realização da pesquisa.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Metodologicamente, adotamos o método dialético (Gil, 1989), pois esse se mostra como forma pertinente de investigação da realidade, fator que colabora para uma compreensão atual e transdisciplinar dos fenômenos culturais – tal como o FICF. Ao resgatar a trajetória do festival, esta pesquisa apresenta dados analíticos, reúne informações e explora caminhos curatoriais. Como aponta Burke (2000, p. 17), “as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade.” Nesse sentido, os festivais de cinema podem ser compreendidos como curadores da memória cultural que, por meio de um processo curatorial, moldam a maneira como o cinema é lembrado e interpretado pelo público. Para desenvolver a pesquisa adotamos os seguintes procedimentos técnicos, de nível exploratório realizamos pesquisa de cunho bibliográfico e documental. Em virtude da limitação espacial, neste escrito apresentaremos uma breve análise sobre as quinze primeiras edições do FICF e as transformações experienciadas.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A memória humana evoca diferentes maneiras de fazer, as diversas estratégias de realização assumidas para garantir sua continuidade e amadurecimento. Quando falamos de memória, não estamos nos referindo ao passado, mas sim ao presente (Jelin, 2017), na medida em que a memória diz respeito ao modo como os sujeitos atribuem sentido ao passado hoje. Ou seja, o presente sempre será o ponto de referência para lidar com esse passado, pois é no presente que elaboramos o sentido do que já ocorreu. Escrever sobre memória inevitavelmente nos leva a abordar a história, que pode ser entendida como uma narrativa construída por ações humanas e pela linguagem (Gagnebin, 2009).

Pesquisar sobre as edições do FICF consiste em uma ação que busca construir uma narrativa sobre esse importante festival que apresenta como sede principal o município de Bagé. O FICF teve início em 2009, com a Primeira Mostra de Curtas de Santa Thereza, organizada por jovens cineastas e com a exibição de cinco curtas-metragens. Em 2010, o evento cresceu e se tornou o Festival de Cinema da Fronteira, com destaque para a homenagem ao fotógrafo Edison Larronda e a exibição do primeiro longa-metragem, “Bitols”. A terceira edição, ocorreu em 2011, contou com as presenças da atriz Helena Ignêz e do crítico e roteirista, venturo patrono, Jean-Claude Bernardet. O festival rompe fronteiras, inclui atividades no Uruguai e cria vínculos com o festival itinerante português FESTin. Além disso, criou uma mostra competitiva de curtas-metragens.

A partir de 2012, a quarta edição do festival assumiu o caráter internacional, homenageando figuras como Luiz Rosemberg Filho e César Charlone, e reforçou laços com instituições locais. Em 2013, a quinta edição teve como foco a educação e patrimônio, promovendo oficinas e mostras estudantis, com destaque para longas como “Amor, Plástico e Barulho” e “Exilados do Vulcão”. Já a sexta edição, em 2014, inaugurou a Mostra Competitiva de Longas-metragens, premiando “Branco Sai, Preto Fica” dirigido por Adirley Queirós, como Melhor Filme. Destaca-se a presença do ator e diretor Paulo José (1937-2021), bem como, da cantora Elza Soares (1930-2022), ambos homenageados pelo festival. E consolidou o projeto de extensão Cine Jornal, realizado pela URCAMP – Centro Universitário da Região da Campanha.

Em 2015, a sétima edição foi marcada por debates, oficinas de formação e parcerias com instituições de ensino, destaca-se a firmada com os cursos de Cinema e Audiovisual, Cinema de Animação e com o Cine UFPel, o festival levou mais de 30 curtas selecionados para a sala Cine UFPel em Pelotas. O filme “Fome” de Cristiano Burlan foi premiado como Melhor Filme, na categoria de longas-metragens. Além disso, tivemos o retorno do patrono do festival Jean Claude-Bernardet que neste ano conquista o prêmio de Melhor Ator pelo filme “Fome”.

A oitava edição, em 2016, ocorreu em conjunto com a Feira do Livro de Bagé e contou com exposições no Centro Histórico Vila de Santa Thereza e Cine 7. O filme “Era o Hotel Cambridge”, dirigido por Eliane Caffé, foi premiado como Melhor Filme de longa-metragem. Já na nona edição, em 2017, o festival homenageou a jornalista Edy Lima e o curador Cid Nader, falecido no mesmo ano. Destacaram-se os seguintes filmes “Yonlu”, dirigido por Hique Montanari, “Guarnieri”, dirigido por Francisco Guarnieri e “Bio” com direção de Carlos Gerbase.

Em sua décima edição, em 2018, o festival celebrou o marco de mais de 500 filmes exibidos, com a curadoria do jornalista Roger Lerina. O documentário português “O Labirinto da Saudade”, de Miguel Gonçalves Mendes, venceu o prêmio de Melhor Filme, e a presença da cineasta argentina Paula Markovitch foi um dos grandes destaques do evento, no qual seu filme “Cuadros en la Oscuridade” foi exibido. A artista plástica Zoravia Bettiol foi a homenageada e o ator gaúcho Leonardo Machado recebeu uma homenagem póstuma por sua colaboração com a cinematografia gaúcha. Nessa edição, foi realizada a primeira edição do Mercado Sur Frontera, com destaque para os projetos “A Nuvem Rosa”, de Iuli Gerbase, e “Nós, a nós”, de Victor Di Marco e Márcio Picoli. A produção executiva do evento ficou a cargo de Maristela Ribeiro, que produz o festival até hoje.

A 11ª edição do FICF, em 2019, foi marcada pelo tema “O Renascer do Patrimônio”, buscou cultivar vínculos com a memória e a história, concedeu destaque para a exibição do longa “Anahy de Las Misiones” de Sérgio Silva e homenagem à atriz Aracy Esteves. Os filmes “Domingo”, de Clara Linhart e Felipe Barbosa, concedeu a Ítala Nandi o prêmio de Melhor Atriz e “Our Madness” de João Viana foi premiado como Melhor Filme. Em 2020, devido à pandemia de Covid-19, o festival foi interrompido pela primeira vez após 12 anos consecutivos, criando um hiato de 19 meses. Quando retornou, o longa uruguaio “Mateína - A Erva Perdida” conquistou o prêmio de Melhor Filme e o jornalista Roger Lerina foi o homenageado.

Já a 13ª edição, em 2022, contou com uma nova curadoria, assinada por Jonas Chadarevian e Roger Lerina e homenageou a cinematografia da diretora e atriz Bárbara Paz. O longa “5 Casas”, de Bruno Gularte Barreto, ganhou o prêmio de Melhor Filme, enquanto “Casa Vazia”, de Giovani Borba, também se destacou, ambos filmados na região da fronteira. Em 2023, a 14ª edição trouxe o tema “Profundo Brasil Profundo” e homenageou atriz Leona Cavalli e a diretora Carla Esmeralda. O filme “El Cine ha Muerto”, de Juan Benitez Allassia, foi eleito o Melhor Filme. A primeira Mostra Competitiva de Animação premiou “Ana Morphose”, dirigido por João Rodrigues. O Mercado Sur Frontera destacou projetos como “As Anfritriãs”, de Renata de Lélis e Maria Elena Morán e “O Maior Espetáculo da Pampa”, de Tyrell Spencer, na categoria Work in Progress. O evento contou com patrocínio da Claro e do Conselho Nacional do SESI. Já em 2024, na 15ª edição com o tema “América Latina Pátria Grande”, o festival homenageou a cineasta argentina Lucrecia Martel e o ator Flavio Bauraqui. O grande vencedor foi “A Transformação de Canuto”, dirigido por Ariel Kuaray Ortega e Ernesto de Carvalho, que recebeu os prêmios de Melhor

Filme pelo júri e pelo público. A programação foi intensa, com eventos em Bagé, Rivera e Sant'Ana do Livramento, e o festival contou com patrocínio da Petrobras.

Com esse breve resgate histórico do FICF é possível observar as transformações vividas do início, em 2009, como uma pequena mostra de curtas até a 15ª edição em 2024. Vimos a expansão de um evento que se propõe a pensar e divulgar os talentos locais até tornar-se um festival internacional, com a introdução de mostras competitivas de curtas e longas-metragens, seus homenageados e as inovações, como o Mercado Sur Frontera e a Mostra Competitiva de Animação.

## 4 CONCLUSÃO

O FICF se destaca como um protagonista cultural no sul do Brasil, promovendo a identidade regional e fortalecendo as relações culturais na faixa de fronteira. Consolidou-se ao longo dos anos como um espaço de encontro e intercâmbio de expressões cinematográficas, contribuindo para o desenvolvimento de profissionais da área. A salvaguarda da memória do FICF possibilita um conhecimento sistemático das edições, estabelecendo novos objetivos e reforçando o compromisso com a preservação do patrimônio intangível da região. Esse legado registra a história do festival e inspira futuras narrativas e a exploração de novos horizontes no cinema. Sua memória viva é essencial para a continuidade do evento, permitindo que novas gerações reconheçam suas origens e o impacto que o FICF teve na cena cultural da região. Assim, ao refletir sobre sua trajetória, o trabalho se transforma em um instrumento de valorização e resistência, assegurando que o legado do FICF e suas contribuições para a sociedade sejam reconhecidos e celebrados por muitos anos.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 1ª edição. São Paulo: Atlas, 1987.

JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado: Cómo construimos la memoria social**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.